

INTERFACES ENTRE USO DE TELAS E IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Francisco Ivo Gomes de Lavor¹
Jackeline Sousa Silva²

RESUMO

Este artigo trata das interfaces entre o uso de telas e os impactos dessa ação na aprendizagem infantil, visto ser notável o aumento de famílias que aderem à permissividade do uso de equipamentos tecnológicos sem restrição de idade e sem limitação de tempo, pelos mais diversos fatores. Por outro lado, cresce, inclusive no meio educacional, a demanda pelo uso das tecnologias como forma de acompanhar a evolução da sociedade contemporânea. Com isso, esta pesquisa se justifica por colocar em pauta uma temática que se torna cada vez mais necessária, especialmente no ambiente educacional, onde entram em foco questões relacionadas aos aspectos cognitivos, psicológicos e sociais da criança, que têm estreita relação com suas vivências, sobretudo no seio familiar. Nessa perspectiva, objetiva-se: mensurar os impactos do uso de telas para a aprendizagem na infância; e específicos: investigar o que a literatura dispõe sobre as questões relacionadas ao uso de telas por crianças; descrever o que pensam os especialistas sobre o contexto digital e as implicações na aprendizagem das crianças; analisar os limites entre o uso de telas na infância e a prática da cultura digital orientada pela Base Nacional Comum Curricular, no que concerne à Educação Infantil. O estudo se caracteriza como qualitativo, além de descritivo e exploratório. Como procedimentos técnicos, opta-se por uma revisão de literatura, com base nos artigos publicados em anais de eventos e periódicos científicos sobre o tema nos últimos cinco anos. Em conclusão, aponta-se que o uso excessivo de telas pode afetar negativamente a concentração das crianças, prejudicando a realização de atividades que requerem atenção sustentada, além de ocasionar diminuição da capacidade de executarem tarefas mais complexas, como leitura e resolução de problemas, habilidades que são essenciais para o desenvolvimento humano e que têm sua base projetada desde a Educação Infantil.

Palavras-chave: Uso de telas, Infância, Tecnologias, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O artigo aborda as interfaces entre o uso de telas e as consequências dessa ação, quando de forma precoce ou ilimitada, na aprendizagem infantil, visto ser notável o aumento de famílias que aderem à permissividade do uso de equipamentos tecnológicos sem restrição de idade e/ou tempo, pelos mais diversos fatores. Por outro lado, cresce, inclusive no meio educacional, a demanda pelo uso das tecnologias como forma de acompanhar a evolução da sociedade contemporânea.

¹ Mestre em Sistemas Agroindustriais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Professor e Coordenador Acadêmico das Faculdades Integradas do Ceará (UniFIC), ivodilavor@gmail.com;

² Mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Professora da Educação Básica do município de Acopiara-CE e Professora da Universidade Estadual do Ceará, jackeliness23@hotmail.com.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral: mensurar os impactos do uso de telas para a aprendizagem na infância. Ao trilhar os caminhos do estudo, almeja-se, de forma específica: investigar o que a literatura dispõe sobre as questões relacionadas ao uso de telas por crianças; descrever o que pensam os especialistas sobre o contexto digital e as implicações na aprendizagem das crianças; e analisar os limites entre o uso de telas na infância e a prática da cultura digital orientada pela Base Nacional Comum Curricular, no que concerne à Educação Infantil.

É fato que a orientação para que as instituições educativas lançassem um olhar sobre a inserção das tecnologias no processo de ensino não é recente, visto que os Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados em 1997, já recomendavam a formação de estudantes para “a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, [...] para poder lidar com novas tecnologias e linguagens, capaz de responder a novos ritmos e processos. (BRASIL, 1997, p. 28). Apesar de não mencionar idade, essa orientação está inserida no documento orientador para os anos iniciais do ensino fundamental e segue nas etapas posteriores.

Dois décadas depois, a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) ratificou essas orientações, quando enfatizou essa orientação, trazendo, entre as dez competências gerais para a Educação Básica, a cultura digital. Em outras palavras, essa competência indica que o estudante precisa ter domínio dos dispositivos digitais disponíveis, além de ser preparado para criá-los e utilizá-los de forma responsável, qualificada e ética, compreendendo seus impactos na sociedade.

Essa competência deve ser desenvolvida ao longo de toda a Educação Básica de maneira gradual, progressiva e transversal e, por isso, desdobra-se nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento e nas competências e habilidades específicas de cada área de conhecimento, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Na Educação Infantil, a tecnologia se insere dentro de um dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, ressaltando sua utilização para estimular sua curiosidade, o pensamento criativo, lógico e crítico, o desenvolvimento motor e a linguagem. A orientação é direcionada ao direito de explorar:

movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia (BRASIL, 2018, p. 38)

Como nessa etapa, a Base orienta que o “trabalho no ambiente escolar se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças”, envolver o uso responsável e correto da tecnologia no processo de ensino de todos os campos de experiências trabalhados nessa etapa é fundamental, já que a geração dos nativos digitais é exposta a tecnologias em outros ambientes de socialização.

O conceito de nativos digitais é abordado por Coelho *et al.* (2018), quando trazem em seu texto a teoria de Prensky (2006), que os define como “aqueles que cresceram inseridos e cercados pelas TICs, em especial as digitais”. As TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação) têm avançado desde a década de 90, compreendendo uma série de aparatos tecnológicos a que as pessoas estão expostas, desde a mais tenra idade: *smartphone*, *pen drive*, televisão digital, internet sem fio, dentre outros.

Por outro lado, os que nasceram antes desse “boom” tecnológico se encaixam na categoria denominada por Prensky (2006) como imigrantes digitais e se caracterizam como aqueles que possuem um “acesso tardio às tecnologias digitais e, por isso, precisam, na maioria das vezes, passar por um processo de adaptação, que, por sua vez, pode ser maior ou menor conforme o interesse e a disponibilidade em aprender” (COELHO *et al.*, 2018, 1082).

Diante dessa definição, as crianças de que trata este artigo são nativas digitais, visto que estão imersas em meio a uma série de equipamentos tecnológicos, pelos quais desde cedo demonstram interesse e acabam por obter acesso, muitas vezes ilimitado, o que contraria as recomendações na Sociedade Brasileira de Pediatria, em manual lançado em 2020, que alerta que “o atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem é frequente em bebês que ficam passivamente expostos às telas, por períodos prolongados”.

No entanto, a realidade a que as crianças estão expostas é descrita por Coscarelli (2016, 2016, p. 148) da seguinte forma: “As crianças de hoje nascem na era digital, portanto, não temem os botões, as luzes, as cores, os movimentos e as novidades. Simplesmente, se apropriam dessas máquinas tão logo os adultos lhes permitam o acesso”.

Em face do exposto, esta pesquisa se justifica por colocar em pauta uma temática que se torna cada vez mais necessária, especialmente no ambiente educacional, onde entram em foco questões relacionadas aos aspectos cognitivos, psicológicos e sociais da criança, que têm estreita relação com suas vivências, sobretudo no seio familiar. Coscarelli (*ibidem*, p. 151) reforça o interesse por pesquisas acerca dessa temática, enfatizando que “o tema infância e mídias tem influenciado diversos pesquisadores que, cada vez mais intrigados com a maneira como a infância está sendo afetada pelas transformações tecnológicas, busca compreender tais transformações”.

Em busca dessa compreensão, faz-se uma ampla busca por publicações na área, por meio de uma revisão de literatura expressa na metodologia a seguir.

METODOLOGIA

Esta seção apresenta o caminho metodológico traçado para esta pesquisa, bem como os autores nas quais ela está fundamentada.

Com base no que apontam Menezes et al (2019), o estudo é de natureza qualitativa, pois não focaliza dados estatísticos, mas sim a busca do conhecimento do fenômeno investigado. Gerhardt e Silveira (2009, p.32) complementam essa definição, apontando que a pesquisa qualitativa preocupa-se “com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Essa perspectiva reúne um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um espaço mais profundo das relações sociais (MINAYO, 2016).

No tocante aos objetivos, trata-se de pesquisa descritiva e exploratória. É descritiva, uma vez que busca levantar dados para caracterizar o objeto pesquisado; e exploratória, pois busca aprofundar conhecimento acerca da temática investigada. Na compreensão de Gil (2008, p.27), pesquisas do tipo exploratórias têm por “finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”, já as descritivas objetivam a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008).

Quanto aos procedimentos técnicos, faz-se uma revisão integrativa de literatura (Souza *et al.*, 2010), com base nos artigos publicados em anais de eventos e periódicos científicos sobre o tema nos últimos cinco anos. A busca foi direcionada pelas palavras-chave: uso de telas, infância, tecnologias e aprendizagem.

Os resultados são expostos na seção seguinte, trazendo as informações sobre os artigos selecionados em um quadro para melhor visualização das informações mais relevantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, trazemos a revisão da literatura pertinente ao tema deste artigo, a partir de uma busca pelas palavras-chave, considerando como critérios de inclusão: a) data

compreendida entre os os últimos cinco anos; b) publicação em anais de eventos e/ou periódicos científicos.

Destaca-se que, embora tenha sido traçado um período maior de tempo, os resultados evidenciaram um número significativo de trabalhos recentes, relacionados à temática. Em virtude disso, entre os dez artigos selecionados, constam os datados de 2021-2023, o que mostra a forma como o estudo da temática foi intensificados nos últimos três anos, quiçá pelo avanço tecnológico que já vem ocorrendo ou em decorrência do período de pandemia do Coronavírus, vivenciado pelo mundo a partir de março de 2020. Na ocasião, a sociedade passou por isolamento e muitos vínculos, inclusive escolares, se deram por meio de aparatos tecnológicos, aos quais as crianças também tiveram acesso.

No quadro a seguir, são condensados os dados, que permitem conhecer as informações essenciais a respeito do trabalho, como: ano de publicação, periódico/evento, autor(es), título e objetivo, em que extraímos o objetivo geral de cada estudo.

Quadro 1: Estudos relacionados ao uso de telas e aos impactos no desenvolvimento infantil

Ano	Periódico/Evento	Autor(es)	Título	Objetivo
2021	Ciência & Saúde Coletiva,	Nobre et al.	Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância	Investigar os fatores determinantes no tempo de tela total, incluindo televisão e mídias interativas em crianças na primeira infância.
2021	Revista Saúde em Foco	Santana et al.	O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil	Refletir sobre o impacto da exposição prolongada ao uso de telas no crescimento e desenvolvimento infantil.
2021	Revista Educação em Saúde	Oliveira et al.	Os impactos do uso de telas no neurodesenvolvimento infantil	Identificar os impactos do uso de telas no neurodesenvolvimento infantil.
2021	Brazilian Journal of Health Revie	Costa et al.	Impacto das Telas no Desenvolvimento Neuropsicomotor Infantil: uma revisão narrativa	Descrever os impactos do uso prolongado de telas para o DNPM (Desenvolvimento Neuropsicomotor) por

				meio de uma revisão narrativa de literatura.
2021	Olhar de professor	Góes e Teixeira	Arte e cultura digital na Educação Infantil: a galáxia na palma da mão	Investigar as práticas voltadas para a inserção da Cultura Digital no âmbito da Arte para/na Educação Infantil.
2022	Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo	Becker e Donelli	Impressões de pais e educadores sobre a exposição do bebê às telas: um relato de experiência	Propiciar um espaço de escuta, psicoeducação e reflexão, e explorar a percepção dos cuidadores de bebês com até 3 anos de idade sobre como as novas tecnologias permeiam as rotinas familiar e escolar e afetam o desenvolvimento infantil.
2022	VII Simpósio de Física e Fisioterapia	Silva et al.	Reflexões sobre o uso abusivo de telas por crianças na primeira infância	Investigar quais consequências o uso excessivo de telas pode causar em crianças, de um modo especial no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo dos mesmos.
2023	Psicologia: Ciencia e Profissao	Puccinelli et al.	Telas na Infância: Postagens de Especialistas em Grupos de Cuidadores no Facebook	Compreender como o uso de telas na infância vem sendo abordado por especialistas em grupos de mães e pais no <i>Facebook</i> .
2023	Revista Eletrônica Acervo Saúde	Sousa e Carvalho	Uso abusivo de telas na infância e suas consequências	Avaliar as consequências do uso abusivo de telas por crianças de até 6 anos.
2023	Revista Saúde UNIFAN	Barreto et al.	Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil	Verificar os impactos do uso de telas em crianças de 0 a 6 anos de idade.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em complemento às informações expostas no quadro, faz-se uma análise, a partir da qual são abordadas as principais conclusões a respeito o impacto do uso de telas para a aprendizagem, apontadas nos artigos selecionados.

No artigo publicado por Nobre *et al.* (2021, p. 1134), evidencia-se que as crianças têm acesso a um tempo de tela acima do recomendado para a sua idade, passando maior tempo expostas à televisão. Segundo os autores, “observou-se que o tempo de exposição à tela foi positivamente associado, aos recursos familiares, ao nível econômico, desenvolvimento da linguagem [...]”. Nessa ótica, há consonância entre esse artigo e os preceitos da Sociedade Brasileira de Pediatria, especialmente no tocante ao atraso no desenvolvimento da linguagem das crianças associado ao tempo de exposição às telas.

Ainda nessa linha, Santana *et al.* (2021) apresenta um recorte que remete à postura dos pais que, “muitas vezes movidos pela culpa da ausência e trabalho em carga horária prolongada, evitam o ‘não’ com frequência, indo ao encontro com o acesso rápido e precoce às telas, até mesmo como forma de silenciar as crianças para se ocuparem com outros afazeres”. Nessa situação, prevalece a visão a curto prazo de que a televisão entretém e auxilia os pais em meio à rotina com as crianças e os demais afazeres.

Oliveira *et al.* (2021) deixam sobressair, em seu estudo, que “indivíduos de classes mais altas tendem a expor mais seus filhos às telas de *smartphones* e *tablets*, nas quais os benefícios são: a melhora da acuidade visual, bem como aumento de reflexos”. Por outro lado, os autores esclarecem que “os malefícios superam os benefícios dessa alta exposição às tecnologias, que são: atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, dificuldade de linguagem e deficiência na interação social, além de demonstrarem dependência a tecnologia, obesidade, e vício a internet”.

No tocante ao desenvolvimento neuropsicomotor, Costa *et al.* (2021) apontam que a utilização “das mídias digitais desenfreadas atrapalham no desenvolvimento neuropsicomotor, prejudicando a saúde física e mental, deixando as crianças mais sedentárias e menos interativas. Logo, contribui para o surgimento de doenças como obesidade e depressão”. Na realidade, essas são questões bem presentes na sociedade hodierna, sobre a qual é necessária que prevaleçam debates e intervenções por parte dos setores responsáveis.

Já o trabalho de Goes e Teixeira (2021) traz uma abordagem voltada para a inserção das novas tecnologias no meio educacional, marcando que esta ocorre de forma ainda discreta, “tanto nos momentos regidos pela figura do dinamizador/a de Arte, quanto nos regidos pelos/as pedagogos/as, apesar de todas as entrevistadas concordarem que é uma prática atrativa para as crianças, considerando que elas já crescem inseridas na Cultura Digital e Tecnológica”. Nota-se, nesse ponto, a preocupação em atender ao que estabelece a BNCC nas competências planejadas para a Educação Básica.

Becker e Donelli (2022) trazem um foco na intervenção por parte de pais e educadores, enaltecendo que as questões que perpassam pelo uso excessivo de telas na infância, precisam “ser discutidas e exploradas em intervenções futuras, como os limites impostos na escola e no ambiente familiar, assim como os papéis hoje desempenhados por pais e educadores frente à um cenário onde a tecnologia se faz onipresente na vida da criança”. Para os autores, é necessário haver limite de tempo e supervisão, além de ressaltar os impactos para as crianças de até 3 anos de idade.

O posicionamento de Silva *et al.* (2022) apresenta-se complementar, ao afirmarem que as crianças estão sendo apresentadas às telas, de forma precoce e exacerbada, além de detectarem que é “comum crianças menores de dois anos passarem mais de duas horas por dia se revezando entre televisão, celulares e *tablets* e para piorar a situação, em maioria esmagadora esses aparelhos são apresentados pelos próprios pais como estratégia de distração dos pequenos”. Essa constatação vai na contramão das recomendações da SBP, visto que desconsidera, claramente, o estabelecimento de limites e torna as crianças suscetíveis aos prejuízos dessa postura.

Puccinelli *et al.* (2023) faz menção a essas mesmas recomendações, quando a SBP discutiu mudanças na rotina das crianças e suas famílias, no contexto de pandemia, a fim de viabilizar o trabalho, os estudos e o vínculo com a escola, familiares e amigos, de forma remota, ou seja, mediada pelas tecnologias. Com isso, os autores descartam o momento pandêmico como responsável, atribuindo às próprias famílias a responsabilidade pelo uso demasiado de telas na infância, mesmo em meio a um amplo contexto social de presença tecnológica.

Nesse direcionamento, Sousa e Carvalho (2023) reconhecem as ferramentas digitais como auxiliar no aprendizado de crianças e que, inclusive, podem lhes trazer benefícios, contudo considera, também, a existência de malefícios, como: alteração do sono, atraso no desenvolvimento cognitivo, linguístico e psicossocial, sendo essas as principais. Nesse contexto, os autores recomendam monitoramento de pais e cuidadores com relação ao tipo de conteúdo, ao tempo de exposição e à adequação à faixa etária.

Por fim, Barreto *et al.* (2023) corrobora esse posicionamento e acrescenta a imprescindibilidade de ações de alfabetização midiáticas e mediação parental, visando à promoção de um desenvolvimento infantil saudável.

Com base no cenário exposto, são tecidas a seguir as considerações finais sobre a temática aqui abordada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, aponta-se que o uso excessivo de telas pode afetar negativamente a concentração das crianças, prejudicando a realização de atividades que requerem atenção sustentada, além de ocasionar diminuição da capacidade de executarem tarefas mais complexas, como leitura e resolução de problemas, habilidades que são essenciais para o desenvolvimento humano – incluindo questões relacionadas à saúde e à qualidade de vida, e que têm sua base projetada desde a Educação Infantil.

Os estudos tomados como base para a pesquisa apontam, em comum, impactos relacionados ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social, em decorrência do uso de telas por crianças. Alguns desses estudos sugerem que o uso excessivo de telas em idades precoces pode estar associado a problemas de sono, atrasos no desenvolvimento da linguagem e habilidades sociais, bem como o maior risco de obesidade.

Além disso, a revisão integrativa de literatura nos permite apontar que o excesso de telas se deve à permissividade dos pais e que se faz necessária intervenção da escola, no sentido de promover alfabetização midiática, de modo a atender às orientações da BNCC, sem contribuir para agravar o quadro social e familiar relacionado ao uso abusivo de telas na infância, mas sim, voltado ao uso pedagógico e com fins de preparação educativa.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Michele de Jesus et al. Os impactos do tempo de tela no desenvolvimento infantil. **Revista Saúde UNIFAN**. 2023;3(1):58-66.

BECKER, Débora; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Impressões de pais e educadores sobre a exposição do bebê às telas: um relato de experiência. **Revista da SPAGESP**, 23(2), 128-142.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COELHO, Patricia Margarida Farias; COSTA, Marcos Rogério Martins; MATTAR NETO, João Augusto. Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1077-1094, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/MWjfn6dGG6bbz4WsJKHpmLN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2023.

COSCARELLI, Carla Viana. (org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

- COSTA, Igor M. et al. Impacto das Telas no Desenvolvimento Neuropsicomotor. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.5, p. 21060-21071 sep./oct. 2021.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GÓES, Margarete Sacht; TEIXEIRA, Mariana Sperandio. Arte e cultura digital na Educação Infantil: a galáxia na palma da mão. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-20, e-17578.064, 2021.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- NOBRE, Juliana N. P. Fatores determinantes no tempo de tela de crianças na primeira infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, 26(3):1127-1136, 2021.
- OLIVEIRA, Anna Laura S. Os impactos do uso de telas no neurodesenvolvimento infantil. **RESU-Revista Educação em Saúde: V9**, suplemento 3, 2021.
- PUCCINELLI, Mariana F. et al. Telas na Infância: Postagens de Especialistas em Grupos de Cuidadores no Facebook. **Psicologia: Ciência e Profissão** 2023 v. 43, e253741, 1-17.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. RS: Feevale, 2013.
- SANTANA, M.I.; RUAS, M.A.; QUEIROZ, P.H.B. O impacto do tempo de tela no crescimento e desenvolvimento infantil. **Revista Saúde em Foco** – Edição nº 14 – Ano: 2021
- SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria. #Menos telas #Mais saúde. **Manual de Orientação**. Grupo de trabalho Saúde na Era Digital. SBP, 2019. <https://bit.ly/41i2q0r>. Acesso em: 02 out. 2023.
- SOUSA, Lucas Lopes; CARVALHO, José Bégue Moreira de. Uso abusivo de telas na infância e suas consequências. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Vol. 23(2), 2022.
- SOUZA, Marcela T. et al. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**. 2010; 8(1 Pt 1):102-6.
- SILVA, Carlos Alberto F. et al. Reflexões sobre o uso abusivo de telas por crianças na primeira infância. **VII Simpósio de Física e Fisioterapia**. Juína, MT, 2022.
- SILVA, Jackeline Sousa. As tecnologias digitais e a personalização do ensino: o uso do *Wordwall* para a criação de atividades interativas. **Seminário Docentes**. Fortaleza-CE: SEDUC, 2021.